

MAUPASSANT: UM AMIGO E UM CRÍTICO DE ZOLA*

Brigitte Monique HERVOT**

Resumo: Esse artigo tem como objetivo apresentar uma leitura da correspondência de Guy de Maupassant (1850-1893). Trata-se de descrever e analisar a prática epistolar no conjunto das cartas por ele escritas a Émile Zola, entre 1875 e 1890, de seguir os passos dos dois escritores e de observar que, paralelamente a uma relação mútua de amizade e de respeito, surge uma crítica aos princípios estéticos e às obras do mestre do naturalismo. Assim, é possível entender a amizade e a experiência estética que se constroem ao longo desses quinze anos.

Palavras-chave: Guy de Maupassant; Émile Zola; literatura francesa; correspondência; século XIX; epistolografia.

Resume: Cet article a pour but de présenter une lecture de la correspondance de Guy de Maupassant (1850-1893). Il s'agit de décrire et d'analyser la pratique épistolaire de l'auteur dans l'ensemble des lettres qu'il a écrites à Émile Zola, entre 1875 et 1890, d'accompagner les pas des deux écrivains et d'observer que, parallèlement à une relation mutuelle d'amitié et de respect, surgit une critique des principes esthétiques et des œuvres du chef de l'école naturaliste. Ainsi, il est possible de comprendre l'amitié et l'expérience esthétique qui se construisent au long de ces quinze ans.

Mots-clés: Guy de Maupassant; Émile Zola; littérature française; correspondance; XIXe siècle; épistolographie.

Guy de Maupassant, famoso escritor do século XIX, escreveu mais de oitocentas e vinte cartas, entre os anos de 1862 e 1891. Correspondeu-se com muitas pessoas: editores, membros de sua família, amantes, amigos, etc. E claro, escreveu muito a seus amigos, escritores e críticos, dentre eles Zola, Gustave Flaubert, Ferdinand Brunetière, Henry Cazalis e Edmond de Goncourt. Se for verdade que Gustave Flaubert foi o grande mestre de Maupassant, é também fato incontestável que Zola marcou momentos da vida de Maupassant e influenciou sua escrita. Assim, parece quase impossível falar de um sem se referir ao outro.

Quando Maupassant conhece Zola, no início dos anos 70, o escritor dez anos mais velho já era conhecido. Jornalista e romancista, seu nome é famoso e polêmico, não só na França como também no exterior. É exatamente nessa década que Maupassant escreve suas primeiras cartas a Zola. É também nessa época que o jovem escritor encontra, semanalmente, escritores célebres na casa de Zola, em Médan, e é dessas reuniões que nascem a amizade e a relação profissional entre ambos.

Trata-se, no presente artigo, de mostrar como, embora exista uma relação afetiva real, ambos escritores se distanciam em sua concepção de arte literária e, claro, em seus contatos profissionais. Para isso, foram consultados vários textos: as cartas de Maupassant a Zola, as cartas a outros correspondentes nas quais Maupassant cita Zola, um prefácio do livro *Émile Zola*, redigido por Maupassant, e dois discursos de Zola escritos por ocasião da morte de Maupassant. É importante esclarecer, no que concerne à natureza exata desta minha análise, que estudarei as cartas de Maupassant sem usar as respostas de Zola.

Antes de abordar essa visão, convém descrever rapidamente o conjunto de cartas aqui focalizadas e tentar contextualizá-las melhor para o leitor. Trata-se de quarenta e cinco cartas redigidas entre abril de 1875 e novembro de 1890. Uma década e meia de correspondência iniciada com o ingresso de Maupassant no mundo literário, e encerrada por ocasião da inauguração do monumento em homenagem a Gustave Flaubert, dez anos após a morte do mesmo. O ritmo dessa troca epistolar é variável e é possível separá-la em três etapas. Em seu período inicial, o autor escreve pouco. Nos dois primeiros anos, entre abril de 1875 e maio de 1877, manda a Zola apenas uma carta e dois bilhetes curtíssimos, com intervalos de mais de meio ano sem escrever. É justamente um pouco antes dessa época, em torno de 1874, que Gustave Flaubert apresenta o seu protegido a Émile Zola e outros artistas contemporâneos. É o próprio Zola que relata o encontro ocorrido na casa de Flaubert: “Acabava de concluir o colegial, ninguém ainda o tinha visto em nosso recanto literário. [...] Mais tarde, uma camaradagem estabeleceu-se, ele nos encantou pela narração de suas proezas. [...] Desde então, se juntou a nós.”¹ A partir de então, Maupassant vai, aos poucos, ocupando seu lugar nesse meio literário.

Depois de oito meses sem nenhuma carta, abre-se uma segunda fase que se estende de janeiro de 1878 até julho de 1881. Nesses três anos, Maupassant escreve dezoito bilhetes e sete cartas. É a fase mais produtiva de todas: a quantidade de missivas é bem maior e o espaço de tempo entre cada envio é mais curto, variando entre um dia e seis meses de intervalo. Essa época é a dos encontros semanais com Zola e outros escritores, todas as quartas-feiras: primeiro, em Paris no café Trapp, e depois na casa de Médan, nas margens do rio Sena. É também um período em que Maupassant, encorajado por Flaubert desde 1872, continua a aprender o ofício de escritor sem se preocupar em publicar. Divide seu tempo entre a escrita, seu emprego de funcionário público no Ministério da Marinha e no Ministério do Ensino Público, e os passeios náuticos no rio Sena nos fins de semana. Nesse meio tempo, embora não publique, o autor produz, sobretudo poesias e peças de teatro que submete ao juízo de Flaubert, de Zola e outros amigos.

Abre-se, então, uma terceira etapa da correspondência que perdura de janeiro de 1882 até novembro de 1890. Essa última fase, mais extensa, caracteriza-se por uma diminuição da troca epistolar: comporta apenas onze bilhetes e sete cartas, sempre breves. Em alguns momentos, Maupassant permanece até três anos sem dar notícia. Nessa época, já se

consagrou como escritor e cronista, e seu ritmo de vida intensificou-se, o que pode justificar os silêncios. Mas existem outras razões: a sua doença e sobretudo o seu afastamento das concepções estéticas do grupo dos naturalistas, fato sobre o qual voltarei mais adiante.

Se, para o estudo de qualquer correspondência, é importante determinar a cadência e o volume da correspondência, é também interessante focalizar os locais onde as cartas foram redigidas, a fim de seguir o epistológrafo em suas andanças. Em primeiro lugar, convém dizer que toda a correspondência endereçada a Zola, exceto cinco missivas, foi escrita em Paris. Nem sempre as cartas fazem referências precisas às localidades, mas em algumas delas, o escritor tem o cuidado de registrar a cidade onde está, às vezes, com o endereço completo. Assim, aparecem três endereços parisienses – embora Maupassant tenha passado por seis domicílios fixos nesse mesmo período de tempo – que acompanham a trajetória social do escritor. Na primeira carta, datada de abril de 1875, não aparece nenhuma indicação de lugar, mas sabe-se que, nessa época, Maupassant está instalado em um pequeno quarto escuro no mesmo prédio de seu pai, 2, *rue Moncey*. Chega lá em 1869 para estudar direito e vai permanecer sete anos nesse apartamento.

Em outubro de 1876, a mudança de Maupassant para 17, *rue Clauzel*, endereço inscrito na segunda carta, vai marcar o início da independência de Maupassant. Embora esse endereço conste apenas em três cartas, sabe-se que o autor vai viver e escrever seus primeiros contos e novelas nesse apartamento de dois cômodos – além de um hall e de uma cozinha – até o final de 1880. Aproximadamente quatro anos e meio depois, aparece em janeiro de 1881, na vigésima quinta carta que manda a Zola, um novo endereço: 83, *rue Dulong*. Na verdade, Maupassant muda-se para lá no final de 1880. É um apartamento maior – três cômodos – em um prédio construído em 1868, no novo bairro de Batignolles. O escritor está com trinta anos e não precisa mais trabalhar no ministério para viver. O apartamento mede apenas 52 m², mas é maior do que o da rua Clauzel e está perto da estação de trem Saint-Lazarre, de onde o escritor pega o trem até sua terra natal, a Normandia.

Em julho de 1884, Maupassant instala-se em seu novo apartamento, 10, *rue Montchanin*, e vai ficar nele cinco anos, até novembro de 1889. O novo apartamento luxuoso localiza-se no mesmo bairro da rua Dulong, mas do lado oeste, na planície Monceau, um bairro exuberante onde a aristocracia imperial constrói hotéis particulares e onde convergem os parvenus da III^a República, o mesmo descrito por Zola no romance *La Curée*. O prédio de três andares, recém construído, pertence a seu primo Louis Le Poittevin, e Maupassant instala-se no térreo pagando aluguel. Contudo, nove anos depois, por conta de um desentendimento financeiro entre ele e seu primo², Maupassant muda-se para 14, *avenue Victor-Hugo* em um outro apartamento de cinco cômodos. Em nenhuma das cartas enviadas a Zola, consta esse endereço, mas sabe-se que o autor permaneceu aí apenas alguns meses, entre novembro de 1889 e o início de 1890, quando, devido ao barulho de uma padaria instalada no andar de cima de seu apartamento, resolve se mudar novamente.

Assim, no início da década de 90, instala-se na 24, *rue de Bocador*, em um apartamento no segundo andar. Maupassant está feliz com a mudança; nesse período aluga também uma “garçonnière”, no mesmo bairro, *Avenue Mac-Mahon*. É aí que o escritor vai viver, entre várias viagens, até ser internado na clínica do Dr Blanche em Passy em 7 de janeiro de 1892. As duas cartas mandadas a Zola com o endereço da rua de Bocador são também as duas últimas cartas que escreve a seu amigo, discutindo uma questão envolvendo Goncourt, sobre um discurso na inauguração do monumento a Gustave Flaubert.

Como foi dito anteriormente, além dos endereços de Paris que permitem segui-lo em seus sucessivos domicílios na capital, existem algumas cartas em que Maupassant revela estar fora de Paris. Assim, em 14 de abril de 1879, aos 29 anos, Maupassant escreve a Zola de Étretat, uma estação balneária muito em moda que atrai inúmeros artistas, pintores impressionistas, diretores de jornais famosos e escritores. É também a cidade da infância do escritor para a qual, após se instalar em Paris, nunca deixará de voltar.

Um ano depois, Maupassant escreve uma carta a Zola de *Croisset*. Esse nome indica um outro lugar onde Maupassant esteve em várias ocasiões, já que é nessa cidadezinha que Flaubert mora desde 1844 até sua morte. É de lá que o mestre se corresponde com Maupassant para lhe ensinar a arte de escrever. Contudo, só há uma carta escrita a Zola, com o nome de Croisset, e o bilhete datado de 9 de maio de 1880 talvez seja um dos mais tristes de sua correspondência: contém o anúncio brutal e frio da morte do mestre:

Caro Mestre e amigo,
Nosso pobre Flaubert morreu ontem de um ataque de apoplexia fulminante. Será enterrado na terça-feira ao meio-dia. Não preciso lhe dizer o quanto todos os que o amaram ficariam felizes de ver o senhor em sua inumação.
Se o senhor pegasse o trem das oito horas da manhã, chegaria a tempo. Haverá carros que o levarão diretamente para Canteleu, onde se realizará a cerimônia.
Um aperto de mão muito triste. (carta 176, Croisset, 9 de maio de 1880)³

Talvez para poder esquecer essa perda, para não pensar na morte que o obceca, bem como para cuidar de sua saúde, Maupassant viaja muito, tanto dentro quanto para fora da França. “Vagabundo”, como ele próprio se define, percorre o mundo a trabalho ou não. Em julho 1881, é mandado, como repórter especial do jornal *Le Gaulois*, para a Argélia onde vai ficar até final de agosto do mesmo ano. No início de sua estada, na carta de poucas linhas que manda a Zola da cidadezinha de *Marhoum*, ele agradece seu colega por um artigo que publicou a seu favor no *Le Figaro* e lhe descreve suas sensações emocionais e físicas provocadas por esse país quente:

Sua voz, que veio de lá, através dessa solidão horrível, fervente, e desolada das altas planícies argelinas, tão inesperada nesse lugar, e tão amável, me deixou profundamente feliz. [...] Enfim, satisfaço meus instintos vagabundos, e depois, esse país, que é abominável para se instalar definitivamente, é realmente emocionante, sobretudo nesse momento em que a guerra está por toda parte, e se pode, a qualquer instante, encontrar um grupo de árabes inimigos. (carta 237, julho de 1881)

Quase um ano depois, na primavera de 1882, escreve de *Sartrouville* para Émile Zola. Não é a primeira vez que Maupassant vai a essa cidadezinha do campo, próxima de Paris. Com a estrada de ferro, a ligação entre Paris e sua periferia no oeste fica mais fácil, e o autor passa alguns verões, entre 1880 e 1890, na casa de seu amigo Léon Fontaine, onde encontrará a paz necessária para escrever e aproveitará os prazeres da vida no campo.

Chegamos, enfim, à última carta que Maupassant endereça a Zola, fora da França. Quatro anos depois, o autor escreve de Palermo. Sabe-se que em abril de 1885, o escritor viajou para a Itália com um amigo romancista e dois artistas pintores. É durante essa viagem que Maupassant lê o romance *Germinal* e pede desculpas a Zola por não ter mandado nenhum comentário a respeito da obra. Diz ele:

O senhor talvez não saiba que estou com a vista muito ruim e que a mais breve leitura me é absolutamente proibida: portanto deve ter estranhado o fato de não receber nenhuma carta minha após *Germinal*.

Como não posso *ler nada*, levei seu romance em viagem e pedi ao amigo que me acompanha para lê-lo. (carta 385, maio de 1885)

É interessante observar que, entre os escritores do século XIX, a leitura e a crítica de suas respectivas obras era tão comum que Maupassant julga necessário se explicar quando não opina acerca de um novo romance. Pode-se também perceber que a fama de Zola atravessou as fronteiras nacionais, e que sua obra, no exterior como na França, provoca várias discussões:

Aliás, ouço falar todos os dias de *Germinal* nesse país onde amam o senhor infinitamente. Os jornais de Palermo, de Nápoles e de Roma entusiasmam-se em polêmicas violentas a seu respeito. (carta 385, maio de 1885)

Após ter discutido qual o ritmo e volume das cartas, em que condições e locais foram escritas, torna-se necessário tecer alguns comentários sobre o estilo epistolar de Maupassant. De modo geral, como se viu, o autor raramente escreve cartas muito longas a Zola. Na verdade, existem apenas treze cartas mais extensas, e ainda assim, essas últimas

normalmente não ultrapassam meia página. Em quase todos os casos, Maupassant usa um estilo telegráfico para marcar ou anular encontros com Zola. É fato notório que os homens de letras de então não somente estavam sempre se encontrando, como também trocavam permanentemente opiniões acerca das obras que produziam, publicavam, e encenavam no teatro. Assim, pode-se supor que o comentário anotado rapidamente no bilhete apenas antecipava uma discussão mais acuidada, ao vivo. Contudo, em certos momentos, sente-se também que o bilhete era uma forma de expressar sua opinião sem ter de se aprofundar, fato que poderia magoar o outro. Mostrarei mais adiante que nem sempre o que Maupassant declara a Zola em suas cartas corresponde ao que comenta com outros correspondentes, em especial com Flaubert.

Muitos bilhetes servem para fixar encontros e mandar convites para suas respectivas representações teatrais. Assim, logo na primeira fase de seu diálogo epistolar, em 15 de maio de 1877, Maupassant escreve dois bilhetes curtos para convidar Zola à representação de uma peça sua: *A la feuille de Rose, Maison turque*.

Caro Mestre,

Ontem à noite, tentamos todos os arranjos imagináveis para apresentar nossa peça em um outro dia que não a quinta-feira e realmente isso nos é absolutamente impossível. Esperamos assim mesmo que o senhor esteja livre nessa noite. Como o senhor não fica em casa na quinta-feira quando há uma estréia, será que não poderia considerar a “Feuille de Rose” uma estréia comum? Pense que é unicamente para o senhor, Daudet e Ed. de Goncourt que organizamos essa reapresentação, e que ficaríamos todos tristes se o senhor não a assistisse. Agilizamos nossos ensaios e deixamos tudo de lado para estarmos prontos antes de sua partida, o senhor não vai nos deixar representar sem nos aplaudir. (Carta 72, 15 de maio de 1877)

A apresentação ocorreu no ateliê do pintor Becker. O fato de dizer a Zola que ele, Daudet e Goncourt eram o único público que interessava ao autor da peça e aos atores, na verdade, parece mais uma chantagem emocional, já que muitas pessoas haviam sido convidadas, e, no dia combinado, está presente toda a elite literária parisiense: Flaubert – que participará dos ensaios – Paul Alexis, Léon Hennique, Huysmans, Edmond Laporte, Turgueniev, além do pai de Maupassant. Em um bilhete seguinte, vê-se que Maupassant e seus colegas conseguiram o que queriam, já que o jovem escritor agradece a Zola, e indica a hora da apresentação pedindo-lhe, com naturalidade, para não se atrasar. “Obrigado, caro mestre. Somos extremamente gratos. A apresentação deve acontecer às 9 horas. Mas como sempre há pessoas atrasadas, começaremos somente às 9 horas ³/₄. Bastará o senhor chegar a esta hora, mas não depois. Obrigado.” (carta 73, maio de 1877).

Em 14 de fevereiro de 1879, Maupassant, convida novamente Zola para uma outra peça: *Histoire du Vieux Temps*. Desta vez, não só o convida como lhe manda dois convites.

Parece ter conquistado um lugar no mundo das letras. A apresentação saiu do espaço privado do ateliê do pintor amigo para ocorrer em um espaço público, um teatro de Paris. De passagem, vale observar que, no caso desse bilhete e de muitos outros, Maupassant serve-se do papel timbrado do ministério onde trabalha, do “CABINET DU MINISTRE DE L'INSTRUCTION PUBLIQUE, DES CULTES ET DES BEAUX-ARTS”. Deduz-se que, provavelmente, essas mensagens foram redigidas durante as horas de trabalho, o que não parece impossível já que sua brevidade não devia chegar a comprometer o desempenho no emprego. Maupassant diz: “Caro Mestre, minha peça será apresentada na próxima quarta-feira, no 3º Théâtre-Français. Terça-feira, vou lhe mandar dois convites. Conto com sua amizade. Perdoe-me se o estou importunando com essa obra tão pouco importante.” (carta 73, 14 de fevereiro de 1879). Mais uma vez, apela para os sentimentos de seu colega – desta vez, para a amizade – e se coloca em uma posição de humildade para convencê-lo a vir. Maupassant sabe muito bem que a simples presença de Zola é importante para a recepção de sua obra.

Da mesma forma que escreve para convidar, responde para agradecer a convites que Zola lhe manda. Em 30 de maio de 1879, agradece pelos convites para a apresentação de *L'Assommoir*; dois anos depois, demonstra ter maior liberdade com Zola já que é ele que pede convites para a peça *Nana* e, alguns dias depois, para o jantar entre amigos em comemoração à mesma peça. Além dessas mensagens ligadas às estréias teatrais, outros bilhetes servem para confirmar ou não a sua presença às reuniões literárias da quinta-feira. Importa dizer que se, no início, o jovem escritor responde afirmativamente aos convites, muito rapidamente, e cada vez mais, apresenta desculpas por não poder ir: uma vez, o mau tempo não o deixou viajar, outras vezes, sua saúde ou/e a carga de trabalho impediram-no de visitar Zola e sua esposa. Apesar disso, por respeito e amizade, tem sempre o cuidado de avisar quando falta a um encontro e de agradecer o envio de uma obra recém publicada.

Em meio às cartas, há também algumas cujos assuntos não tocam a esfera da literatura, aproximando ambos os escritores em um outro plano que remete para o cotidiano desses artistas do final do século XIX. Assim, em duas cartas mais extensas, datadas de 2 e 10 de julho de 1878, Maupassant descreve a compra do barco de Zola, *Nana*, feita sob sua supervisão, a pedido do próprio Zola. Não nos esqueçamos de que Maupassant é o mais competente de todos os amigos para se encarregar de tal função. A leitura das duas cartas revela seu conhecimento apurado e sua paixão pelos barcos e pela água, além de sua dedicação desmedida para resolver o caso da melhor forma possível. Na primeira, apresenta todas as informações sobre a compra – detalhes técnicos, financeiros, etc. – e na segunda, anuncia a entrega do barco, planejada e realizada por ele mesmo. O relato impressiona a quem não conhece a força física e a paixão pela água de Maupassant, mas, na verdade, sabe-se que o rapaz, desde que mora em Paris, se dedicou regular e intensamente a seu esporte favorito, a canoagem no rio Sena.

Contudo, essas cartas que mostram um tipo de relação diferente da troca intelectual são raras. Em geral, as mensagens de Maupassant relacionam-se ao mundo literário e ocorrem em um sistema de mão dupla. Pode-se dizer que a correspondência entre ambos é um exemplo do tipo de correspondência muito comum entre os escritores do século XIX, a amizade intelectual, em que se destacam não apenas sentimentos como também troca de idéias e favores.

Essa correspondência é em geral efetuada ou por intelectuais da mesma geração e de posições aproximadas no campo cultural, ou por intelectuais distintos entre si no que se refere a tais questões. Mas, em todos os casos, a amizade e o debate intelectuais são, ao mesmo tempo, condição e produto do trabalho entre os correspondentes.⁴

É esta a razão que me leva a dedicar-me, a partir de agora, apenas às cartas nas quais Maupassant fala explicitamente das obras de Zola. Em primeiro lugar, vale notar que, por conta da brevidade das mensagens, o autor nunca entra em discussões teóricas profundas com o mestre do naturalismo. Aliás, Maupassant dizia publicamente que não queria discutir a literatura, o que, contudo, fez a vida toda, em particular em sua carreira de cronista. De qualquer modo, era amigo de Zola e não podia deixar de avaliar a produção daquele escritor já famoso que lhe mandava suas obras.

Assim, em 1875, data da primeira carta a Zola, Maupassant analisa rapidamente o romance *La Faute de l'Abbé Mouret*, que acaba de ser publicado. À primeira vista, sua crítica parece demasiadamente sucinta, vaga, impressionista, até mesmo quase elogiosa ao excesso:

Acabo de terminar a leitura desse livro, e, se minha opinião pode ter algum valor para o senhor, dir-lhe-ei que o achei muito bonito e de uma força extraordinária, estou absolutamente entusiasmado, poucas leituras causaram-me uma impressão tão forte. (carta 41, abril de 1875)

Esse tom apologético não é excepcional. Na maioria das cartas e bilhetes em que explicita sua opinião sobre uma obra de Zola, os superlativos e os termos hiperbólicos são usados de forma comum e os elogios são numerosos: assim como *La Faute de l'Abbé Mouret* é declarado "muito bonito e de uma força extraordinária", três anos depois, *Une Page d'Amour* suscita a seguinte reflexão: "Se não for o mais colorido de seus romances, é o mais perfeito de estilo, a meu ver, e um dos mais humanos, mais verdadeiros." (carta 94, 24 de abril de 1878) A respeito de *La Joie de vivre*, obra que declara "tão forte e tão exata", ele confessa a Zola: "achei esse romance magnífico. Não ousou dizer que seja o mais notável que o senhor tenha

feito, mas é o que mais me agrada, o que mais me emociona." (carta 323, 23 de março de 1884). Um ano depois, após a leitura de *Germinal*, Maupassant escreve a Zola:

quero lhe dizer logo que acho essa obra a mais forte e a mais surpreendente de todas as suas obras (...) O efeito que o senhor conseguiu atingir é tão surpreendente quanto magnífico, e a encenação de seu romance permanece diante de nós e diante do pensamento como se tivéssemos visto essas coisas. (carta 385, maio de 1885)

Enfim, em uma carta em que comenta *La Terre*, um livro "belo e profundo", Maupassant suplica a Zola para não publicá-la na imprensa sob a forma de folhetim, nem essa, nem "essas obras tão grandes, tão amplas, cuja admirável composição e forte efeito desaparecem quase inteiramente com a forma entrecortada do jornal." (carta 478, janeiro de 1888)

De modo geral, a crítica passa essencialmente pela emoção de Maupassant leitor. "Impressão", "sensação", "cativante" são palavras que voltam com frequência. Zola agrada a Maupassant quando consegue, por meio de seus textos, "impressioná-lo", isto é, suscitar nele uma impressão, ou melhor, estimular uma sensação. Com *La Faute de l'Abbé Mouret*, Maupassant vê e sobretudo respira o que descreve Zola: "o cheiro", "os aromas", "as fragrâncias" excitam-no; ele sente, aspira as palavras. A arte de Zola para Maupassant consiste justamente em fazer "sentir", em "embriagar", em "marcar", "excitar".

O romance *La Joie de vivre* inspira novamente essas sensações; as personagens marcam Maupassant pela sua humanidade. Como ele escreve, "aliás, tive com esse livro a sensação de um banho de humanidade (...) É verdadeiro a ponto de fazer gritar, e tocante a ponto de fazer chorar." (carta 323, 23 de março de 1884) Um ano depois, o romance *Germinal* é julgado, por sua vez, pelo seu poder de evocação:

nunca nenhum livro teve tanta vida e movimento, uma tal quantidade de pessoas do povo. Sentimos quando o lemos, a alma, a respiração e a animalidade tumultuosa dessas pessoas. O efeito que o senhor obteve é tão surpreendente quanto magnífico, e a encenação de seu romance permanece diante dos olhos e do pensamento, como se tivéssemos visto essas coisas. (carta 385, maio de 1885)

Embora essas críticas apontem para uma espécie de admiração incondicional por parte de Maupassant, a brevidade e a formalidade das reflexões deixam entrever, desde já, certas restrições à obra de Zola. Como já foi dito anteriormente, a questão da brevidade é resultante não só da carga de trabalho de Maupassant, como também do fato de os escritores da época estarem sempre em contato. Aliás, mais de uma vez, ele conclui suas cartas com a formulação

de desejos e de promessas de encontros para expressar sua opinião: "Espero, caro Senhor, ter o prazer de vê-lo domingo na casa de Gustave Flaubert e poder lhe dizer todo o prazer que o senhor me deu." (carta 41, abril de 1875). "Tenho a intenção de lhe dizer, com mais tempo, quando vir o senhor, caro Mestre, tudo aquilo que penso de seu livro" (carta 94, 24 de abril de 1878). "Se eu dispuser de um minuto, e o senhor estiver em Paris, tentarei encontrá-lo para lhe dizer toda a satisfação pessoal que o seu romance me deu, além de minha admiração por essa obra tão forte e tão verdadeira." (carta 323, 23 de março de 1884).

Contudo, o caráter extremamente elogioso das críticas devia-se mais ao sentimento de amizade e de respeito que ligavam Maupassant a Zola e que o impediam de magoá-lo por meio de uma crítica mais completa e mais severa. Desde sempre, Maupassant respeitou seu colega mais velho e esse sentimento aparece nas expressões iniciais que usa em todas as suas cartas: a princípio, dirige-se a Zola chamando-o de "Caro Senhor", depois de "Caro Mestre", e enfim de "Meu caro Mestre e amigo", revelando a evolução de sua ligação. De passagem, pode-se observar essa mesma evolução nas fórmulas de despedida. É importante notar que a partir do momento em que Maupassant se torna mais próximo de Zola as palavras finais de suas cartas possuem tom cada vez mais pessoal. Se nas quatro primeiras ele se despede expressando em termos quase idênticos sua "devoção mais absoluta", seus "sentimentos mais afetuosos e devotados", em 15 de janeiro de 1878, pela primeira vez, Maupassant se refere à esposa do escritor: "Transmita, por favor, meus respeitosa cumprimentos à Madame Zola e acredite em meus sentimentos mais devotados." Essa mudança indica a época em que Maupassant conheceu a família de Zola e começou a freqüentar sua casa, no segundo semestre de 1877. A partir de então, acabará a maioria de suas missivas com uma lembrança respeitosa e afetuosamente para a esposa de Zola.

Sabe-se que logo depois da publicação do romance *L'assommoir*, Maupassant e alguns amigos jovens escritores do grupo de Médan – Huysmans, Céard, Hennique, Alexis e Mirbeau – organizam, em abril de 1877, o famoso jantar do "café Trapp" onde de uma só vez declaram Flaubert, Goncourt e o próprio Zola, mestres da literatura moderna. O título é lisonjeador bem como o tom das cartas. Contudo, se os sentimentos eram reais, as divergências no plano das concepções estéticas também o eram. São essas opiniões diferentes que Maupassant cala em suas cartas a Zola, mas deixa escapar em cartas a outros destinatários, em particular a Gustave Flaubert, com o qual ele parece não temer aprofundar sua reflexão crítica.

Em dois de dezembro de 1878, Maupassant escreve a seu verdadeiro Mestre:

Zola nos leu dois capítulos de *Nana*; gosto pouco do segundo, o terceiro parece-me melhor. A divisão do livro não me agrada. Ao invés de conduzir sua ação diretamente do início até o fim, divida-a, como o *Nabab*, em capítulos que formam verdadeiros atos que acontecem no mesmo lugar, contendo apenas um fato; e, por

conseqüência, evita assim qualquer tipo de transição, o que é mais fácil. Assim: 1º capítulo: *Uma representação nas Variétés*; 2º capítulo: *O apartamento de Nana*; 3º capítulo: *Uma noite na casa do conde Mupha*; 4º capítulo: *Um jantar na casa da Nana*. Etc. (carta 107, 2 de dezembro de 1878)

Não estamos mais diante de críticas positivas e vê-se que aqui é a própria estrutura do romance de Zola que está em questão — e, ao mesmo tempo, a de Daudet. Segundo ele, o mentor do naturalismo ainda não encontrou a forma que o próprio Maupassant imprime a suas obras e que se baseia essencialmente na concepção de transição entre as diferentes partes, transições que representam o verdadeiro valor e a real dificuldade da composição.

Em janeiro de 1879, desta vez é a representação teatral de *L'Assommoir* que suscita uma crítica por parte de Maupassant:

L'Assommoir é um sucesso. Em compensação, é interminável e não muito sagaz. Mas os cenários são magníficos, e há cenas apropriadas. O *delirium tremens* faz as mulheres desmaiarem. Vamos ver. A estréia foi muito boa. Alguns murmúrios esboçados foram cortados por três salvas de aplausos. Acho que a peça vai ficar no palco por muito tempo. (carta 118, janeiro de 1879)

Sob a ironia do discurso e sob as indiretas, paira uma crítica implacável, não apenas da peça, como também de seu sucesso. Na verdade, nesse momento, Maupassant já se afastou do grupo de Médan. Aliás, um mês depois, em fevereiro de 1879, o autor confessa a Flaubert que o "bando" de Zola não o acha bastante naturalista e seus antigos companheiros sequer vieram cumprimentá-lo após o sucesso de uma peça sua.

Zola não disse nada. Espero que fale na segunda-feira. Aliás, seu bando está me deixando para trás por eles não me acharem suficientemente naturalista. Nenhum deles veio me dar um aperto de mão após o Sucesso. Zola e sua esposa aplaudiram muito e me cumprimentaram vivamente mais tarde. (carta 126, 26 de fevereiro de 1879)

Em abril do mesmo ano, Maupassant declara-se, de modo ainda mais aberto, contra as teorias de Zola, contra sua demência, sua vaidade declarada e contra sua aclamação pela crítica e pelo público:

O que o senhor me diz de Zola? Da minha parte, acho-o absolutamente louco. O senhor leu seu artigo sobre Hugo? Seu artigo sobre os poetas contemporâneos e sua publicação *A República e a Literatura*. "*A República será naturalista ou não existirá.*" – "*Sou apenas um homem da ciência.*"!!! (Apenas isso!

Que modéstia.) – "*A pesquisa social.*" – O documento humano. A série das fórmulas. Doravante, ver-se-á no dorso dos livros: "Grande romance segundo a fórmula naturalista." *Sou apenas um homem da ciência!!!!* Isso é piramidal!!! E ninguém dá risada... (carta 133, 24 de abril de 1879)

Na verdade, apenas reforça uma opinião que já havia escrito em 1877 em uma carta a Flaubert: "Mando-lhe, ao mesmo tempo, um artigo de Zola que acha que o *Drama científico* é uma inovação feliz que leva até o drama naturalista. Desta vez, é demais!!! (carta 59, 8 de janeiro de 1877)

Assim, Maupassant separa-se totalmente dos partidários de Zola, mas também de Zola, de suas palavras enfáticas, e até mesmo dos procedimentos aos quais recorre para vender seus livros. Por ocasião da publicação de *Nana*, em 1879, Maupassant manda esse comentário irônico e peremptório a Flaubert:

Vêm-se nos bulevares e nas ruas filas de homens de blusa carregando faixas nas quais se lê **NANA** de *Émile Zola*, no *Voltaire*! Se alguém me perguntasse se eu sou um homem de letras, responderia "Não Senhor, vendo varas de pescar" de tanto que eu acho essa propaganda desenfreada humilhante para todos. (carta 150, 17 de outubro de 1879)

É necessário dizer que essa "zombaria" sobre os meios usados por Zola para promover sua obra entra um pouco em contradição com a prática de Maupassant que, em algumas ocasiões, não hesita em se servir da experiência e da influência de seu antecessor. Por exemplo, em maio de 1880, Maupassant escreve a Zola para lhe pedir um favor, ou melhor, para lhe lembrar sua promessa de escrever um artigo sobre seu livro de poesia, *Des vers*. A promessa é cumprida alguns dias depois. Da mesma forma que Maupassant confessa que "precisaria de um bom empurrão" (carta 178, maio de 1880) para assegurar a venda completa da obra, revela também necessitar dos conselhos de Zola sobre os preços a serem atribuídos aos livros. Assim, diversas vezes, Maupassant consulta Zola, um profundo conhecedor do valor mercantil do trabalho literário e jornalístico, antes de negociar seus próprios textos com os proprietários de jornais e com os editores.

Enfim, em 1880, por ocasião da publicação de *Les Soirées de Médan*, Maupassant escreve a Flaubert e lhe revela o que realmente pensa das novelas que compõem a coletânea que, como já mencionei, o impulsionou verdadeiramente em sua trajetória de grande escritor. Começa pelo título proposto pelo próprio Zola, avaliando-o negativamente, "ruim e perigoso", e julga o texto de Zola nesses termos: "é bom, mas esse tema poderia ter sido tratado da mesma forma e tão bem quanto por Mme Sand ou Daudet." (carta 175, final de abril de 1880) Segundo ele, portanto, continua faltando em Zola essa visão pessoal que transforma a realidade em arte.

Essas observações permitem constatar certa disparidade na fala de Maupassant. Esse contraste, ou melhor, essa dessemelhança, não chega a chocar, pois o autor é, antes de tudo, o amigo e o benjamim de Zola. Seus elogios, como já disse, são sinceros e sobretudo o respeito que o une ao mais velho lhe possibilita entrever nele certas qualidades literárias. Em 1883, o editor Albert Quantin, por intermédio de Paul Bourget, pede a Maupassant que escreva um texto sobre Zola e outro sobre Goncourt para uma coletânea de retratos contemporâneos, "Celebidades contemporâneas". O escritor aceita prontamente e escreve a Quantin: "Encarregar-me-ei de bom grado desse trabalho, e ficarei feliz em analisar esses dois talentos tão diversos e discorrer sobre esses dois mestres, que são meus amigos, o que sei e o que penso." (carta 259, 1883)

Em 10 de março de 1883, na crônica intitulada "Émile Zola", publicada na *Revue politique et littéraire* – texto que figura no mesmo ano como prefácio ao livro *Émile Zola* da coleção "Célébrités contemporaines" –, Maupassant, após uma apresentação e análise da obra e vida do colega, conclui: "Parece provado, desde já, que esse escritor notável tem um dom para o romance e somente essa forma se presta totalmente ao desenvolvimento completo de seu vigoroso talento."⁵ Embora reconheça que Zola é um "revolucionário" em seu estilo ousado, amplo, imagético, às vezes brutal, grosseiro, "voltando com isso às tradições da vigorosa literatura do século XVI" (E.Z.), Maupassant não se abstém de fazer uma crítica sincera e direta de seu estilo e de sua obra.

Por um lado, segundo ele, a poesia do início da carreira literária de Zola reduz-se a uma "poesia abundante, fácil, demasiadamente fácil que visava mais a ciência do que a arte. É poesia sem caráter determinado." (E.Z.) Seus versos são "versos incolores, aliás, sem novidades de forma ou de inspiração. (E.Z.) Os ensaios dramáticos, mais tardios, contemporâneos de seus romances, também não agradam a Maupassant, pois, conforme seus dizeres, o autor "não parece ainda ter descoberto a fórmula nova, para usar sua [a de Zola] expressão favorita." (E.Z.)

Por outro lado, se "Zola é, em literatura, um revolucionário, isto é, um inimigo feroz daquilo que acaba de existir" (E.Z.), assim mesmo é um revolucionário "criado na admiração daquilo que ele quer destruir" (E.Z.), o romantismo. Dessa forma, mesmo que o romancista queira renegar os românticos e o papel da imaginação na criação artística, utiliza os mesmos procedimentos, em particular, o da ampliação, em nome da verdade observada, da "natureza vista por meio de um temperamento" (E.Z.), como o próprio Zola definiu seu naturalismo, fato que permite a Maupassant concluir que "seus ensinamentos e suas obras estão eternamente em desacordo." (E.Z.)

Quanto ao estilo de Zola, Maupassant via nele algumas qualidades, contudo, considerava-o afastado do refinamento, da sobriedade e da precisão de Flaubert e de Théophile Gautier. Sem comiseração, afirma que Zola nunca procurou aperfeiçoar seu dom de escrever e diz:

Escritor nato, com um dom natural e excepcional, ele não se esforçou como outros para desenvolver sua habilidade. Domina-a, a conduz e a controla como bem quer, mas nunca por meio dela chegou a elaborar essas frases maravilhosas que se encontram em certos mestres. Não é um virtuose da língua, e, às vezes, parece ignorar que algumas combinações de palavras, construções harmoniosas, acordos incompreensíveis de sílabas produzem vibrações prolongadas, sensações imperceptíveis e deliciosas, espasmos de arte, no fundo das almas dos fanáticos refinados, daqueles que vivem para o Verbo e não entendem nada fora dele. (E.Z.)

Aliás, para Maupassant, Zola nunca precisou melhorar a sua forma de escrever, considerando-se o público a quem se dirigia e o objetivo que havia fixado – contar tudo, denunciar a hipocrisia da sociedade e não se deixar enganar pela comédia universal. "Émile Zola dirige-se ao público, ao público de massa, a todos os públicos, e não apenas aos refinados. Não precisa de todas essas sutilezas; escreve claro, em um belo estilo sonoro. É o suficiente." (E.Z.) E é justamente graças a esse estilo, a "uma fé inabalável, oriunda de uma consciência íntima de um talento inabalável" (E.Z.) e a uma força de trabalho extraordinária que o escritor vai conhecer a riqueza e a celebridade durante sua vida.

Nenhum escritor é mais conhecido, mais famoso no mundo inteiro. Nas menores cidades estrangeiras, encontram-se seus livros em todas as livrarias, em todos os gabinetes de leitura. Seus adversários mais ferozes não contestam mais seu talento; e o dinheiro que lhe faltou tanto, entra com abundância em sua casa. Assim, Emile Zola tem a rara sorte de possuir durante sua vida o que muitos poucos conseguem conquistar: a celebridade e a riqueza. Poderíamos contar os artistas que tiveram essa felicidade, enquanto os que se tornaram célebres após sua morte são inumeráveis. (E.Z.)

A crítica aberta nesse estudo – Maupassant sabia muito bem que Zola tomaria conhecimento dela – era provavelmente permitida pela relação pessoal que unia esses dois escritores. Em todo caso, Émile Zola não demonstrará nenhum rancor por Maupassant após sua morte. Basta reler o discurso que fez durante seu enterro para reafirmar a relação de amizade e de coleguismo. Zola, escolhido pela Sociedade das Pessoas de Letras e pela Sociedade dos Autores dramáticos para homenagear Maupassant pela última vez, em 7 de julho de 1893, inicia seu discurso com as seguintes palavras: "Conheci Maupassant há aproximadamente vinte anos, na casa de Gustave Flaubert."⁶

Portanto, trata-se de uma relação que data de muito tempo, desde 1874, uma relação marcada resolutamente por sentimentos amigáveis. Por ocasião da inauguração do

monumento a Guy de Maupassant no Parque Monceau, em 24 de outubro de 1897⁷, Zola novamente destaca em seu discurso essa relação que os unia:

Sou apenas um amigo, falo simplesmente em nome dos amigos, não dos amigos desconhecidos e inumeráveis que lhe valeram suas obras, mas dos velhos amigos que o conheceram, amaram, o seguiram em seus passos até a glória. (...) Devemos dizer em voz alta que Maupassant sempre foi um fiel amigo, sempre estendeu a mão a seus antigos irmãos de guerra e sempre teve o coração aberto. (I.M.)

Amizade, mas não apenas isso. Zola revela nutrir sentimentos quase familiares para com Maupassant, de quem dizia: "meu caçula que amei, que vi crescer com uma alegria de irmão." (I.M.) Com certeza, as tristes circunstâncias dessas declarações tiveram um efeito sobre seu tom, e Zola, "o irmão de guerra, o mais velho, o amigo" (I.M.), como ele próprio se designa no início de sua fala no funeral, não limita seus elogios ao plano emocional e humano.

Zola conserva o mesmo tom admirativo face à obra, ao estilo, ao talento de Maupassant, e insere-o entre os mestres da literatura contemporânea e entre os clássicos. Expressões como "o natural perfeito", "o vigor tranqüilo", "uma visão intensa", "o gosto pela clareza e pela simplicidade", "o sentido mais aguçado da verdade humana" (I.M.), revelam seu pensamento sobre a arte de seu colega mais novo. E eu concluiria aqui perguntando: após declarar que o romance *Pierre et Jean* era "a maravilha, a jóia rara, a obra de verdade e de grandeza que não pode ser superada" e suas novelas eram "o exemplo inatacável da perfeição clássica" (I.M.), o que ele mais poderia dizer?

Notas:

* Esse artigo foi elaborado com o apoio financeiro da Fundação para o Desenvolvimento da UNESP – FUNDUNESP.

** Brigitte Monique Hervot – Doutoranda do Departamento de Letras Modernas– Assis – UNESP – e-mail: biche@uol.com.br

¹ FREMY, Dominique. QUID DE GUY DE MAUPASSANT imaginé et dirigé par Dominique Frémy avec la collaboration de Brigitte Monglond et Bernard Benech. In: MAUPASSANT, Guy de. *Contes et Nouvelles. 1875-1884. Une vie*. Paris: Robert Laffont, 1988, p.47. Todas as obras francesas, críticas e ficcionais, citadas nesse artigo foram traduzidas por mim.

² Consultar cartas 578, 582, 589 e 590 em SELVA, Thierry. *Maupassant par les textes. Site de l'association des amis de Guy de Maupassant*. Apresenta a obra integral de Guy de Maupassant, além de traduções, textos sobre a biografia do autor e bibliografias. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr>> Acesso em: 1 outubro 2006.

³ A tradução de todas as cartas é de minha autoria. Toda vez que cito uma carta, anoto, entre parênteses, o número correspondente que aparece no site citado na nota anterior, seguido da data em que foi escrita.

- ⁴ GOMES, Angela de Castro. "Em família: correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre" In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV – 2004 – p.54-5.
- ⁵ MAUPASSANT, Guy de. "Émile Zola", *Revue politique et littéraire*, 10 mars 1883. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/>>. Acesso em: 16 outubro 2006. Doravante, as citações desse texto serão identificadas com a abreviação E.Z, entre parênteses.
- ⁶ ZOLA, Émile. Obsèques de Guy de Maupassant (7 juillet 1893). *Eloges d'écrivains, discours prononcés aux obsèques de Gonçalès, Cladel, Maupassant, Houssaye, Goncourt, Daudet, Alexis* (1891-1901). Disponível em <<http://www.bmlisieux.com/curiosa/zola06.htm>>. Acesso em: 16 outubro 2006.
- ⁷ _____. Inauguration du monument de Guy de Maupassant au Parc Monceau (24 octobre 1897) *Eloges d'écrivains, discours prononcés aux obsèques de Gonçalès, Cladel, Maupassant, Houssaye, Goncourt, Daudet, Alexis* (1891-1901). Disponível em <<http://www.bmlisieux.com/curiosa/zola06.htm>>. Acesso em: 16 outubro 2006. Doravante, as citações desse texto serão identificadas com a abreviação I.M., entre parênteses.